

INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA COGNITIVA, DE LILIAN FERRARI: UM GUIA PRÁTICO PARA ESTUDANTES BRASILEIROS

INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA COGNITIVA, BY LILIAN FERRARI: A PRACTICAL GUIDE FOR BRAZILIAN STUDENTS

Aline Nardes dos Santos¹

aline.nardes@gmail.com

Diego Spader de Souza²

dspadersouza@gmail.com

O livro *Introdução à Linguística Cognitiva*, de Lilian Ferrari (2011) tem por objetivo “facilitar a compreensão do movimento da Linguística Cognitiva no cenário nacional” (FERRARI, 2011, p. 9), buscando suprir a necessidade de materiais didáticos sobre o assunto em território brasileiro. A motivação para a escrita da obra surgiu da experiência da autora com o ensino na área, ao longo de quinze anos, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dessa forma, estabelece-se como prioridade o compromisso didático do texto, no intuito de se disponibilizar um material prático e acessível aos interessados na área de Linguística Cognitiva (doravante LC), marcada pelo forte caráter interdisciplinar.

Dessa forma, a obra se destina especialmente a estudantes universitários de graduação ou pós-graduação em Letras/Linguística e áreas afins, servindo também como material de apoio a docentes do ensino superior. Tendo como principal público-alvo leitores pouco familiarizados com os modelos integrantes do paradigma da LC, Ferrari opta por uma segmentação de teorias em capítulos, embora deixe claro que os temas são convergentes, estando separados apenas para possibilitar o recorte didático. Na introdução, indica-se a interdependência entre os capítulos, fazendo com que a leitura de algumas seções tenha como pré-requisito a abordagem de conceitos tratados em capítulos anteriores. Ainda no sentido de proporcionar a aprendizagem dos temas estudados de forma prática, cada capítulo traz uma seção de exercícios de análise, conforme os principais conceitos abordados.

À parte da seção introdutória, das conclusões e da bibliografia concernente aos temas, o livro subdivide-se em oito capítulos, partindo-se de uma introdução ao paradigma

¹ Graduanda em Letras Português/Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista de Iniciação Científica pelo Grupo SemanTec.

² Licenciado em Letras Português/Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da mesma instituição.

(incluindo seu contexto de surgimento), para então se abordarem os modelos teóricos que constituem o campo da LC.

O capítulo 1, *O que é Linguística Cognitiva?*, traz o contexto de surgimento da LC, marcado pela insatisfação de alguns teóricos em relação ao tratamento dado à Semântica e à Pragmática pelo Gerativismo (FERRARI, 2011, p. 13). A autora é cuidadosa em ressaltar a importância dos estudos de Chomsky no que tange à abordagem da cognição, embora a LC se afaste do modelo gerativista ao defender, dentre outros aspectos, uma perspectiva não modular da linguagem. Ao longo do capítulo, Ferrari explica como a LC atribui à cognição um papel de mediadora entre palavra e mundo, indicando que o significado é enciclopédico, ou seja, é uma construção que envolve fatores não linguísticos, tais quais as experiências do falante e seu contexto sociocultural. Também se destaca a perspectiva empirista do modelo teórico, mostrando como a natureza do corpo humano determina a percepção de mundo de um indivíduo e, conseqüentemente, o modo como este interage através da linguagem.

No capítulo *Categorização*, Ferrari agrupa teorias da LC que demonstram como o ser humano cria, ativa e diferencia categorias a partir de sua experiência de mundo. Explicam-se a metodologia e os resultados da pesquisa de Berlim e Key (1969), que mostraram como as chamadas *cores focais* e suas denominações eram compartilhadas entre línguas, indicando uma motivação subjacente à categorização das cores, assentada na existência de tons básicos. A Teoria dos Protótipos, de Rosch (1973) também é abordada, evidenciando-se que a cognição humana ativa certas categorias prototípicas diante de determinados conceitos; contudo, conforme comprovou o estudo de Labov (1973) quanto a fronteiras de categorias, os limites entre um conceito e outro são imprecisos, variando conforme as experiências dos falantes. Por fim, Ferrari aborda o papel do contexto e dos modelos culturais na construção do significado, os quais influenciam diretamente a forma como indivíduos estruturam o significado através de categorias.

O capítulo 3, intitulado *Frames e modelos cognitivos idealizados*, inclui duas teorias que “[...] explicitam a interação de estrutura linguística e sistemas de conhecimento não linguísticos, ancorados na experiência física e sociocultural” (FERRARI, 2011, p. 10). Para explicar Semântica de Frames (FILLMORE, 1975, 1977, 1982, 1985) a autora apresenta um esquema do clássico exemplo da transação comercial, através do qual se mostra como os verbos *comprar*, *vender*, *custar*, *pagar*, dentre outros, estão ligados a um só evento, que possui como participantes as entidades *vendedor*, *comprador*, *mercadoria* e *valor*. Ferrari também explica o papel das valências verbais na teoria de Fillmore, exemplificando o

conceito com esses mesmos verbos. Quanto à teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs (LAKOFF, 1987), evidencia-se no texto como o conceito se atrela ao de Fillmore, já que caracteriza “[...] um conjunto complexo de *frames* distintos” (FERRARI, 2011, p. 53). A partir de então, a autora mostra de que maneira os três princípios estruturantes de Lakoff – *estrutura proposicional*, *esquemas imagéticos* e *projeção metafórica ou metonímica* – fundamentam a conceptualização dos MCIs.

Em *Gramática Cognitiva*, são abordadas as teorias convergentes de Langacker (1987, 1991) e Talmy (1985), tencionando-se explicitar “[...] a contribuição de cada uma delas para o detalhamento do processo cognitivo de *perspectivização*³.” (FERRARI, 2011, p. 10, grifo da autora). Os conceitos langackerianos explanados são os de *domínio*, *domínio matriz* e *imagética convencional*, mostrando-se como a descrição das estruturas semânticas incorporam a descrição do seu domínio, cujo conteúdo se organiza a partir de determinadas dimensões imagéticas. A segunda parte do capítulo é dedicada ao *sistema imagético* de Talmy, quando Ferrari explica cada uma das noções semânticas que são sistematicamente especificadas em todas as línguas conforme essa teoria, quais sejam *dimensão*, *plexidade*, *delimitação* e *divisão*. Por fim, a autora aprofunda um pouco mais a noção de esquema imagético, mencionada no capítulo anterior.

Metáfora e metonímia são o tema do capítulo 5, que detalha ambos os conceitos sob a ótica da LC. Ferrari parte da obra *Metaphors we live by*, que marcou o nascimento da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), para explicar como o fenômeno metafórico está relacionado a noções de perspectiva, tempo, espaço e movimento. Além do conceito de *metáfora do conduto* (REDDY, 1979) e *sistemas metafóricos* (LAKOFF, 1993), a autora ainda traz o conceito de *personificação*, que Lakoff e Turner (1989) estudaram a partir de textos literários, e também a relação que esquemas imagéticos e polissemia mantêm com a metáfora. Na seção dedicada à metonímia, Ferrari mostra que os cognitivistas veem o fenômeno como uma projeção entre dois domínios, diferentemente da metáfora, que envolve apenas um. A autora ainda explora a relação entre metáfora e metonímia através do processo de *metaftonímia*, resultante da interação entre ambos os conceitos.

No capítulo *A teoria dos espaços mentais*, explora-se a proposta de Fauconnier (1994, 1997), mostrando-se como “os espaços mentais são criados à medida que o discurso se desenvolve”. (FERRARI, 2011, p. 109). O conceito de *projeção entre domínios* é explicado

³ Na Linguística Cognitiva, esse conceito de *perspectivização* refere-se ao fato de que o significado não é somente uma reflexão direta do mundo, mas sim uma forma de se ver e construir a realidade de acordo com uma perspectiva em particular. Para maior aprofundamento, recomendamos a consulta ao texto de Geeraerts (2006).

em seguida, usando-se exemplos concretos para se ilustrar como dois espaços mentais distintos – o de Realidade e o de Representação – podem se relacionar em determinada sentença. Ademais, são abordadas as noções de referências anafóricas e ambiguidades referenciais, além dos fatores tempo e modo como organizadores dos espaços mentais. Finalmente, traz-se o conceito de *mesclagem conceptual* enquanto “origem da nossa aptidão para inventar novos sentidos”. (FERRARI, 2011, p. 120). A autora ainda aborda a maneira como as mesclagens são aplicadas a construções sintáticas através das *construções XYZ* (TURNER, 1991) e como se relacionam com o conceito de metáfora.

Intitulado *Gramática de construções*, o capítulo 7 mostra de que maneira *continuum* léxico-sintaxe é abordado nessa vertente. Ferrari começa por explicar o conceito de construção gramatical, o qual abarca tanto expressões linguísticas simples quanto complexas (FERRARI, 2011, p. 130). Também aborda-se a pesquisa de Fillmore, Kay e O'Connor (1988) sobre tipologias de expressões idiomáticas, explicando-se cada uma das categorias. Em um segundo momento, apresentam-se as *redes construcionais*, advindas do estudo de Goldberg (1995). Os laços de herança entre construções sintáticas, em especial os *laços polissêmicos*, são exemplificados em língua inglesa (com tradução para o português) e também esquematizados em quadros. Por fim, a autora ilustra, também com exemplos, as relações pragmáticas concernentes a essas construções sintáticas.

O capítulo 8 trata de *Modelos baseados no uso e aquisição de linguagem*, iniciando-se com a retomada da teoria chomskyana relativa ao desenvolvimento da habilidade da linguagem. Em seguida, Ferrari explica como diversas áreas do conhecimento, dentre elas a de Linguística Cognitiva, contribuíram para que, a partir dos anos 1980, o foco não fosse mais a aquisição da Gramática Universal, mas sim a aquisição de unidades linguísticas (FERRARI, 2011, p. 149). A autora passa então a tratar das principais premissas referentes aos Modelos Baseados no Uso, através dos quais a habilidade da linguagem se exprime por símbolos linguísticos que comportam construções nucleares e periféricas. Dentro desse paradigma, as habilidades cognitivas de *identificação de padrões* e *leitura de intenções* (TOMASELLO, 2003) são abordadas como propriedades relacionadas a outros domínios cognitivos para além da linguagem, justificando a rejeição ao inatismo proposto por Chomsky, que desconsiderava propriedades não linguísticas relacionadas ao processo de aquisição.

Na conclusão da obra, Ferrari volta a enfatizar o caráter didático do trabalho, fator que motivou a divisão de teorias convergentes em capítulos menores, de forma a possibilitar uma simplificação do conteúdo, sem perder de vista o cunho científico do texto. A ordem dos

capítulos é bem planejada, dado que alguns conceitos são antecipados e aprofundados em capítulos seguintes, como os *esquemas imagéticos*, que aparecem nos capítulos 4 e 5. Contudo, as partes inter-relacionadas da obra têm como fator negativo a dificuldade em se explorarem os capítulos de forma mais independente, conforme os interesses do leitor. Os pré-requisitos para cada parte são informados na introdução, mas poderiam ser também recuperados nos respectivos capítulos, caso o leitor não seguisse a ordem estabelecida.

Destaca-se a seção de exercícios ao final de cada parte, reforçando o objetivo didático da obra. Assim, Ferrari permite que os leitores aproveitem a leitura para realizar atividades práticas de análise, cujo conteúdo é coerente com os conceitos apresentados ao longo do capítulo. Alguns exercícios incitam a busca de exemplos em outros materiais, como revistas, tornando o recurso um interessante recurso para professores da área. Considera-se que o oferecimento de um estudo independente complementa positivamente o livro, contribuindo para que o conteúdo seja acessível. Nesse sentido, reforça-se a pertinência do trabalho devido à escassez de materiais didáticos sobre o assunto em território brasileiro, além do fato de que muitas obras representativas no âmbito da Linguística Cognitiva ainda não foram traduzidas para o português, dificultando-se o acesso a textos basilares.

Abordar a LC com um objetivo didático não é tarefa fácil, mas Ferrari obtém êxito em balancear a informação com exemplos, esquemas e exercícios. Sabendo que o contato inicial de um leitor não familiarizado com o tema não dispensa o devido aprofundamento nos modelos teóricos referidos, a linguista traz toda a bibliografia para consulta ao final do livro. A referência constante ao aporte teórico e o fornecimento de notas quando necessário mostram a preocupação da autora, enquanto pesquisadora, em disponibilizar uma obra sólida no que tange ao conteúdo científico. E como docente da área, Ferrari também demonstra sua experiência no ensino do tema, enriquecendo cada capítulo com exemplos do cotidiano e adaptando as ilustrações dos autores conforme seus propósitos. Como o título da obra já indica, trata-se de uma *introdução* à Linguística Cognitiva, que certamente pode tornar os leitores mais familiarizados com as teorias abordadas, encaminhando-os a estudos mais aprofundados.

Referências

- BERLIN, B.; KEY, P. **Basic color terms**: their universality and evolution. Berkeley: University of California Press, 1969.
- FAUCONNIER, G. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- _____. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FILLMORE, C. J. An alternative to checklist theories of meaning. In: Cogen, C. et al. (Eds.). **Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975. p. 123-31.
- _____. Scenes-and-frames semantics. In: ZAMPOLLI, A. (Ed.): **Linguistic structures processing**: fundamental studies in computer science, n. 59, North Holland Publishing, 1977. p.55-88.
- _____. Frame Semantics. In: **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul, Hansinh Publishing Co., 1982. p.111-137.
- _____. Frames and the semantics of understanding. In: **Quaderni di Semantica**, vol. 6, n. 2, 1985. p.222-254.
- _____.; KAY, P.; O'Connor, C. Regularity and idiomacity in grammatical constructions: the case of let alone. In: **Language**. v. 64, p. 501-538, [S.l.], 1988.
- GEERAERTS, D. Introduction: A rough guide to Cognitive Linguistics. In: GEERAERTS, D. (Ed.). **Cognitive Linguistics**: Basic Readings. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- GOLDBERG, A. **Constructions**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- LABOV, W. The boundaries of words and their meanings. In: BAILEY, C.; SHUY, R. (Eds.) **New ways of analyzing variation in English**. Washington DC: Georgetown University Press, 1973. p. 340-373.
- LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago, 1987.
- _____.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press. 1980.
- _____.; TURNER, M. **More than Cool Reason**: a field guide to Poetic Metaphor. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. **Foundations of cognitive grammar**: Descriptive applications. Stanford: Stanford University Press, 1991.

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 164-201.

ROSCH, E. Natural categories. In: **Cognitive Psychology**, [S.l.], v. 4, n. 3, p. 328-350, 1973.

TALMY, L. Lexicalization patterns. Semantic structure in lexical form. In: SHOPEN, T. (Ed.) **Language typology and syntactic description**. Cambridge: CUP, 1985. p. 36-149.

TOMASELLO, M. **First verbs**: a case study of early grammatical development. New York: Cambridge University Press, 1992.

TURNER, M. **Reading minds**: the study of English in the age of cognitive science. Princeton: Princeton University Press, 1991.